

## **A FAMÍLIA CAPITALISTA: DA PRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO À EXCLUSÃO DE MODELOS NÃO HETERONORMATIVOS**

Wesley Cristian Ferreira, Universidade Estadual de Maringá  
Éder Rodrigo Gimenes, Universidade Estadual de Maringá  
Beatriz Elena Barud Silva, Universidade Estadual de Maringá

### **Introdução**

A família nuclear heteronormativa consolidou-se como instituição central à organização econômica e social das sociedades capitalistas. Mais do que uma estrutura privada de convivência, esse modelo familiar passou a exercer funções estratégicas na reprodução da força de trabalho e na manutenção das relações produtivas necessárias à acumulação de capital (Engels, 2012; Weber, 1991). No capitalismo industrial, a divisão sexual do trabalho atribuiu ao homem o papel de provedor e à mulher as atividades domésticas e de cuidado. Essa organização transferiu ao espaço familiar tarefas essenciais para a manutenção cotidiana da força de trabalho, reduzindo custos diretos do sistema produtivo capitalista (Federici, 2017).

Além da reprodução da força de trabalho, a família heteronormativa consolidou-se como unidade fundamental de consumo. A publicidade e os meios de comunicação passaram a associar felicidade, estabilidade e sucesso à aquisição de bens voltados ao modelo familiar tradicional, fortalecendo a lógica do hiperconsumo contemporâneo (Lipovetsky, 2007). A partir do conceito de tipo ideal em Weber, compreende-se como a família nuclear heteronormativa tornou-se um modelo normativo privilegiado nas estruturas econômicas, políticas e jurídicas. Como consequência, famílias LGBTI+ frequentemente enfrentam exclusões econômicas e institucionais, evidenciando privilégios direcionados às configurações familiares alinhadas à lógica dominante do capital (Weber, 1991; Miskolci, 2009; Borrillo, 2010).

Nesse sentido, o estudo busca compreender de que maneira a centralidade da família nuclear heteronormativa no capitalismo contribui para a reprodução de desigualdades e para a marginalização de arranjos familiares dissidentes.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter interpretativo, centrada em autores clássicos e contemporâneos que discutem família, divisão sexual do trabalho, heteronormatividade e reprodução social no capitalismo.

O percurso metodológico baseou-se na análise interpretativa de obras sobre família, divisão sexual do trabalho e acumulação capitalista. Destacam-se as contribuições de Engels (2012) acerca da relação entre família e propriedade privada, bem como os estudos de Federici (2017) sobre trabalho doméstico não remunerado e reprodução do capital.

Também foram utilizadas referências voltadas à marginalização da população LGBTI+ e às dinâmicas contemporâneas de consumo e exclusão social (Lipovetsky, 2007; Miskolci, 2009; Borrillo, 2010), as quais possibilitaram compreender os mecanismos de heteronormatividade, discriminação e consolidação da família como unidade central da sociedade de consumo.

### **Resultados e Discussão**

A família nuclear heteronormativa não pode ser compreendida apenas como organização afetiva ou cultural, mas como estrutura funcional ao capitalismo. Historicamente, esse arranjo consolidou-se como espaço responsável pela reprodução cotidiana da força de trabalho, assegurando condições materiais e emocionais para a continuidade da produção econômica (Engels, 2012).

A divisão sexual do trabalho desempenhou papel decisivo nesse processo. Enquanto os homens eram inseridos no mercado formal, as mulheres assumiam tarefas domésticas indispensáveis à manutenção da vida cotidiana. Embora essencial ao funcionamento do sistema econômico, esse trabalho reprodutivo permaneceu invisibilizado e não remunerado, contribuindo para a redução dos custos de reprodução da força de trabalho (Federici, 2017).

A naturalização da mulher como principal responsável pelo cuidado doméstico produziu desigualdades estruturais persistentes. Assim, o ambiente familiar tornou-se também espaço de reprodução de hierarquias sociais e de gênero, reforçando padrões patriarcais articulados às necessidades econômicas

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im) pactos sociais”

do capitalismo industrial e, mais tarde, da sociedade de consumo (Engels, 2012; Federici, 2017).

Outro aspecto relevante refere-se à consolidação da família como unidade estratégica de consumo. No capitalismo contemporâneo, estimula-se continuamente a aquisição de bens e serviços associados ao ideal de família tradicional. Casa própria, eletrodomésticos, automóveis e outros produtos passaram a simbolizar estabilidade e sucesso social, reforçando a lógica do hiperconsumo (Lipovetsky, 2007).

Cabe mencionar que a publicidade exerceu papel importante na construção simbólica desse ideal. Com frequência, campanhas associam felicidade, realização pessoal e segurança econômica à conformidade com o padrão heteronormativo. Essa representação reforça a centralidade social da família nuclear tradicional e, ao mesmo tempo, invisibiliza outras formas legítimas de organização familiar (Lipovetsky, 2007).

O tipo ideal em Weber, ajuda a compreender como a família heteronormativa se tornou referência normativa nas instituições sociais modernas. O arranjo baseado na divisão binária de gênero, na reprodução biológica e na transmissão patrimonial consolidou-se como parâmetro dominante para a formulação de políticas públicas, legislações e direitos sociais (Weber, 1991). Partindo desta perspectiva, famílias LGBTI+ enfrentam obstáculos históricos relacionados ao reconhecimento institucional e econômico. Durante décadas, casais homoafetivos foram excluídos de direitos previdenciários, sucessórios e assistenciais, o que demonstra como as estruturas jurídicas reproduziram privilégios vinculados à família heteronormativa (Brasil, 2011).

Mesmo após avanços legais importantes, sobretudo a decisão do Supremo Tribunal Federal que reconheceu a união civil de pessoas LGBTI+ e conferiu os direitos previstos no Código Civil (Quinalha, 2022) ainda persistem formas indiretas de exclusão econômica direcionadas à população LGBTI+ como as dificuldades de acesso a crédito, planos de saúde, seguros e políticas sociais mostram que a heteronormatividade continua presente nas práticas institucionais e empresariais, reforçando condições de vulnerabilidade econômica e social para famílias dissidentes do modelo dominante (Miskolci, 2009).

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

A discriminação no mercado de trabalho também aparece como um elemento central na produção das desigualdades enfrentadas pela população LGBTI+. Ambientes profissionais hostis, dificuldades de contratação e limitações de ascensão profissional impactam diretamente a renda e a estabilidade econômica desses sujeitos, ampliando situações de precarização e exclusão social (Miskolci, 2009; Borrillo, 2010).

Outro aspecto identificado na pesquisa refere-se à chamada aceitação mercadológica da diversidade sexual. Empresas e grandes corporações passaram a incorporar discursos inclusivos e campanhas voltadas ao público LGBTI+, sobretudo devido ao reconhecimento do potencial econômico desse segmento consumidor, frequentemente denominado *pink money* (Borrillo, 2010).

Entretanto, os resultados indicam que essa inclusão promovida pelo mercado apresenta limites estruturais significativos. Em muitos casos, a valorização da diversidade restringe-se ao consumo e à publicidade institucional, sem que ocorram mudanças profundas nas relações de trabalho, nas práticas empresariais ou no enfrentamento das desigualdades estruturais vivenciadas pela população LGBTI+ (Borrillo, 2010).

Por fim, a pesquisa evidencia que a lógica capitalista continua privilegiando modelos familiares mais alinhados aos interesses da reprodução econômica e social dominante, pois o sistema capitalista se desenvolveu para visando abarcar interesses de suas classes dominantes e, nesse sentido, a permanência da família heteronormativa como “tipo ideal” contribui à manutenção de privilégios institucionais, enquanto outras formas de organização familiar seguem enfrentando processos de invisibilização, marginalização e exclusão econômica (Weber, 1991; Engels, 2012).

### **Considerações finais**

A análise permitiu compreender que a família nuclear heteronormativa ocupa posição estratégica no capitalismo, tanto na reprodução da força de trabalho quanto no fortalecimento das dinâmicas de consumo. Sua naturalização histórica relaciona-se à manutenção de interesses econômicos e políticos vinculados à acumulação de capital.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

Os resultados também evidenciaram a centralidade da divisão sexual do trabalho nesse arranjo, especialmente pela importância do trabalho doméstico e reprodutivo realizado majoritariamente pelas mulheres, ainda invisibilizado e socialmente desvalorizado.

Além disso, famílias LGBTI+ seguem enfrentando formas estruturais de marginalização econômica e institucional por se afastarem do padrão familiar dominante. Mesmo com avanços legais, persistem dificuldades relacionadas ao reconhecimento social, ao acesso a direitos e à estabilidade econômica.

Conclui-se, portanto, que a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva exige o reconhecimento da pluralidade das configurações familiares, bem como o enfrentamento das estruturas econômicas e culturais que reproduzem desigualdades e privilégios associados à hegemonia da família heteronormativa no capitalismo contemporâneo.

## **Referências**

- BORRILLO, Daniel. **A homofobia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **ADI 4277 e ADPF 132**. Brasília, DF: Diário da Justiça Eletrônico, 2011.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MISKOLCI, Richard. **O corpo, o sexo e a homossexualidade na cultura ocidental**. São Paulo: Annablume, 2009.
- QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora UnB, 1991.